
RELAÇÃO ENTRE DIDÁTICA E FORMAÇÃO DO SABER: A IMPORTÂNCIA DO DOCENTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

RELATION BETWEEN DIDACTIC AND FORMATION OF KNOWLEDGE: THE IMPORTANCE OF TEACHERS IN THE LEARNING PROCESS

João Augusto Müller Pereira

Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU). Possui graduação em Tecnólogo em Gastronomia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e atualmente é graduando do curso de Bacharelado em Biomedicina, na Faculdade Anhanguera de Pelotas.

E-mail: joaaomuller@gmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta elementos relacionados à história da didática, explicando o que é e qual a sua importância e relação com a construção do conhecimento do discente. Além disso, expõe dificuldades enfrentadas pelos docentes em sala de aula de ensino superior e procura apresentar metodologias de ensino, a fim de identificar o melhor método a ser utilizado nos dias atuais.

Palavras-chaves: didática; aprendizagem; ensino; saber; docente.

ABSTRACT

This article presents elements related to the history of didactics, explaining what it is and what is its importance and relation with the construction of the student's knowledge. In addition, it exposes difficulties faced by teachers in the higher education classroom and seeks to present teaching methodologies in order to identify the best method to be used nowadays.

Keywords: didactics; learning; teaching; knowledge; teacher.

INTRODUÇÃO

Provinda da expressão grega “*techné didaktiké*”, a palavra didática significa “arte de ensinar” e pode ser definida como um conjunto de métodos e técnicas de ensino organizadas pelo docente, visando o favorecimento da construção do conhecimento pelo estudante (DIDÁTICA, DICIO, 2020; LIBÂNEO, 1990). Das ações de João Amós Comênio surgiu a história da didática. O pai da didática moderna, como Comênio ficou conhecido, tinha por objetivo reformar a escola e o modo de ensino, ensinando tudo a todos (COMÊNIO, 1966).

A didática seria então uma “teoria de ensino”, por investigar fundamentos, condições e formas de ensino. Além disso, cabe a didática converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionando conteúdos e métodos em função destes, estabelecer um vínculo entre ensino e aprendizagem visando o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos (LIBÂNEO, 1990; LIBÂNEO, 2002).

Partindo do princípio da teoria do construtivismo de Jean Piaget, que implica que a construção do conhecimento de um indivíduo se dá através de diversos estágios (NUNES, 1990; FOSSILE, 2010), pode-se dizer então que a vivência e a experiência do indivíduo com tudo ao seu redor fazem parte desta formação, que consiste em um processo lento e rigoroso. Assim, em um ambiente de ensino superior, a relação entre os alunos, a disciplina e o professor dão origem a este conhecimento.

Por ser o “transmissor do saber”, o docente necessita de uma metodologia eficaz para que atinja esse objetivo. Há diversas críticas em diferentes institutos de ensino superior hoje em dia, devido a “falta” de didática do professor. Discentes se mostram insatisfeitos, alegando muitas vezes que o professor sabe a matéria, porém não sabe como repassar o conteúdo ou até, que a maneira que este professor ensina não é compreendido por todos. Dessa forma, o ensino e o incentivo da didática no ensino superior se fazem necessário e de suma importância para evitar esses tipos de acontecimentos e proporcionar aos alunos uma excelente aprendizagem.

Para melhor compreender e expor a importância de um docente preparado para o mundo da educação, esta revisão bibliográfica de caráter descritivo tem como principal objetivo relacionar a importância da didática em sala de aula com a construção do conhecimento dos discentes, visando descrever o que é a didática e sua função, identificar os desafios didáticos enfrentados pelos docentes, analisar o método de ensino utilizado nas universidades brasileiras e explicar o papel do professor na formação do saber.

As seções que compõem este artigo estão organizadas da seguinte maneira: a primeira apresenta a história da didática, qual seu objetivo e função aliada à construção do conhecimento. Em seguida, apresenta-se alguns desafios didáticos enfrentados pelos docentes no ensino superior e qual a postura adotada por estes professores. Após, uma seção apresentando as metodologias de ensino e o papel do docente em sala de aula. Por fim, conclui-se a pesquisa por meio das considerações finais acerca do estudo.

A DIDÁTICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A didática é o principal ramo de estudos da pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. Libâneo (1990, p. 26), sobre a didática, diz que:

A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades

mentais dos alunos. A didática está intimamente ligada à teoria da educação e à teoria da organização escolar e, de modo muito especial, vincula-se à teoria do conhecimento e à psicologia da educação.

Se caracterizando como a mediação entre as bases teórico-científica da educação escolar e a prática docente, a didática opera como uma ponte entre o motivo e o modo do processo pedagógico escolar. A ação educativa só pode realizar-se através da atividade prática do docente, de modo que as situações didáticas concretas requerem o “como” da intervenção pedagógica. Este efeito compreensivo entre a teoria do ensino e a prática educacional real garante a interpenetração e a interdependência entre os objetivos e os meios de educação escolar. Neste caso, a didática pode constituir-se na teoria do ensino (LIBÂNEO, 1990; LIBÂNEO, 2002).

A didática se baseia numa concepção de homem e sociedade e, portanto, depende de propósitos sociais, políticos e pedagógicos para a educação escolar a serem estabelecidos em função da realidade social brasileira. Libâneo (1990, p. 73) diz que o processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções (LIBÂNEO, 1990).

É uma disciplina eminentemente pedagógica, que estuda o processo de ensino através dos conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem, para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores. É, ao mesmo tempo, uma matéria de estudo fundamental na formação profissional dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos (CANDAU, 2011).

A didática investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre a docência e a aprendizagem. Ou seja, destacando a instrução e o ensino como elementos primordiais do processo pedagógico escolar, traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática. Por outro lado, esse conjunto de tarefas não visa outra coisa senão o desenvolvimento físico e intelectual dos alunos, com vistas à sua preparação para a vida social. Em outras palavras, o processo didático de transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades tem como ápice o desenvolvimento das capacidades de compreensão dos alunos, de modo que assimilem ativa e independentemente os conhecimentos sistematizados (LIBÂNEO, 1990; LIBÂNEO, 2001).

A história da didática tem ligação com o aparecimento do ensino como atividade planejada e intencional. Há muitos anos existem indícios de formas de instrução e aprendizagem, como na antiguidade clássica (período entre século VIII a.C. e o século V d.C.) e no período medieval, que desenvolveram formas de atividades de ensino, em escolas, mosteiros, igrejas e universidades. Contudo, só em meados do século XVII que podemos falar de didática como teoria de ensino (LIBÂNEO, 1990; LIBÂNEO, 2002).

Quando os adultos passam a intervir nas atividades de aprendizagem de crianças e jovens por meio do ensino e de ações planejadas, diferente das intervenções espontâneas realizadas anteriormente, surge o termo “didática”. Após o estabelecimento de propósitos pedagógicos adequados nas atividades de ensino, a escola passa a ser uma instituição, e o processo de ensino passa a ser sistematizado por níveis para se adequar às possibilidades, à idade e ao ritmo de assimilação das crianças (MELLO, 2000; LIBÂNEO, 1990).

A formação da teoria didática para estudar as relações entre ensino e aprendizagem e suas leis ocorreu no século XVII, quando João Amós Comênio (1592-1670) escreveu o primeiro livro sobre didática, o *Didacta Magna*. Comênio foi o primeiro educador a propor a ideia de difundir o conhecimento a todos e criar princípios e regras do ensino. Ele desenvolveu ideias avançadas para a prática da educação nas escolas, em uma época em que surgiam novidades em diferentes campos, como da filosofia e das ciências e grandes mudanças nas técnicas de produção, em divergência às ideias conservadoras da nobreza e do clero (COMÊNIO, 1966).

Comênio dizia que a educação é um direito natural de todos e a principal tarefa da didática é estudar as características de idade e capacidade para o conhecimento e os métodos de ensino correspondentes, de acordo com a ordem natural das coisas. Ainda afirma que a assimilação dos conhecimentos não se dá instantaneamente, como se o aluno registrasse a informação do professor na hora. Os conhecimentos devem ser adquiridos a partir da observação das coisas e dos fenômenos utilizando e desenvolvendo os sentidos (COMÊNIO, 1966).

Esses pensamentos de Comênio podem ser relacionados com a teoria do construtivismo de Piaget (2002), que diz que o conhecimento do indivíduo é formado em diversas etapas da vida. A vivência e a experiência do indivíduo com tudo ao seu redor fazem parte desta formação, que consiste em um processo lento e rigoroso. O conhecimento então é construído de forma gradual, partindo de um processo de observações e sentidos do que está ao nosso redor, e é formado de forma natural, com uma coisa de cada vez.

A construção é considerada a ação de construir, de dar forma a algo, geralmente partindo de um plano ou projeto elaborado com antecedência (CONSTRUÇÃO, DICIO, 2021). Já o termo construção aplicado à educação pode ser entendido em dois sentidos: como constituição do saber feita pelo estudioso, resultado da reflexão e da pesquisa que leva a novos conhecimentos e como o modo pelo qual cada pessoa apreende a informação e aprende algum conteúdo, não necessariamente “construindo” o saber, mas apropriando-se de um conhecimento já estabelecido. A mesma autora ainda alerta que o homem não “descobre” o conhecimento pronto na natureza, mas relaciona os dados dela recebidos constituindo os saberes (WERNECK, 2006). Sendo assim, a construção do conhecimento se dá através do processo de constituição de saberes.

Ainda sobre a “construção do conhecimento”, Werneck (2006) afirma que ela não é totalmente livre e aleatória, mas que deve corresponder a uma unidade de pensamento, a uma concordância, a um consenso universal, não podendo imaginar que cada pessoa possa construir o seu conhecimento de modo pessoal e independente, sem vínculo com a comunidade científica e com o saber universal.

OS DESAFIOS DIDÁTICOS E A POSTURA DO DOCENTE

Hoje em dia, as práticas e os desafios relacionados a forma de ensinar estão cada vez mais voltados para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua inserção na comunidade e no meio social. Contudo, a ação do educador precisa estar baseada também em propósitos pedagógicos, visto que trabalhar apenas o meio social do discente pode acabar “aprisionando” ele em uma realidade limitada. É extremamente importante trabalhar técnicas direcionadas à realidade e ao meio social ao qual o aluno está inserido, mas não dever ser o único foco do professor, pois pode acabar engessando a aprendizagem daquele estudante (ALMEIDA, 2015).

Manter a harmonia da sala aula, saber lidar com os alunos e prender a atenção deles fazendo-os se concentrarem nas disciplinas ministradas e na assimilação dos conteúdos diante de uma era tecnológica que traz a distração do discente diante às atividades em classe é desafiador

para o docente. Segundo Içami Tiba (2006), a aula para o aluno deve ser como uma boa refeição, onde é capaz de despertar o paladar do discente. Deve ser saborosa e atraente, a ponto de fazer o aluno querer provar mesmo sem estar com fome. Pode-se entender assim que, se uma aula for como um prato desagradável não vai despertar o “paladar” do aluno, assim não vai ter vontade de prestar atenção naquela aula (TIBA, 2006).

Cabe ao professor buscar ferramentas para atrair a atenção do discente – despertando-o a vontade de adquirir conhecimento e continuar aprendendo – e estabelecer metodologias didáticas de ensino que contemplem diversas técnicas que instiguem o ensino, em oposição à aula meramente expositiva. Uma ferramenta muito utilizada nesse caso é o auxílio de equipamentos audiovisuais, mas não são suficientes para o sucesso da aula sem planejamento, metodologia e o diálogo (ALMEIDA, 2015; ESPIRÍTO SANTO, 2013). “O professor precisa produzir o mel que alimenta e dá prazer, que atrai que mantém os alunos atentos” (PERISSÉ, 2004, p.30). Perissé (2004, p.45) ainda afirma que:

Para fazer com que alguém preste atenção em mim preciso ser um estímulo suficientemente interessante. Para que alguém concentre sua atividade psíquica sobre mim, professor, e, ouvindo-me consiga fixar-se nas minhas palavras, nos meus gestos, consiga definir e selecionar percepções, absorver conceitos [...] para que tal concentração aconteça, preciso desdobrar-me. Só assim conquistarei a atenção de meus alunos, seja essa atenção espontânea ou voluntária, despertando neles o processo intelectual, afetivo e volitivo.

Outra forma de atrair o aluno para participar desse processo de ensino/aprendizagem é envolvê-lo na aula, perguntando sobre assuntos anteriores, fatos ocorridos em aulas passadas, falas colocadas em ênfase e argumentos convincentes ou não. Estimular nos alunos o desejo de assistir as próximas aulas, já antecipando algo interessante é fundamental, pois serve como aperitivo, despertando nele a vontade de participar da próxima discussão (ALMEIDA, 2015).

A maioria dos docentes universitários ainda planejam suas aulas na estrutura tradicional do modelo de sala de aula, negando a possibilidade da interação e associação das novas tecnologias da educação para uma prática educativa eficiente e positiva no contexto da realidade acadêmica (ESPIRÍTO SANTO, 2013). Morin (2006) afirma que os alunos já não aceitam mais essa postura e cobram um processo de aprendizagem mais dinâmico, rápido e eficiente. Assim, o maior desafio como docente é pensar em uma aula que atenda essas necessidades muitas vezes imediatistas e conteudistas dos alunos sem perder de vista os objetivos de aprendizagem propostos no contrato didático (MORIN, 2006).

Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento. De acordo com Freire (2007), a educação é uma relação de mão dupla, o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Em outras palavras, o professor enquanto ensina acaba por aprender nesse processo de ensino e aprendizagem.

A postura do professor em sala de aula deve ser democrática, tendo um respeito mútuo e sendo flexível em relação ao ponto de vista do aluno, associando sua mediação ao conhecimento dos discentes de forma a somar com o conhecimento já adquirido pelo aluno no meio social em que vive. Por isso, é importante conhecer a visão do aluno em relação a um determinado assunto, pois é assim que o professor mediador vai constituir um caminho para ampliar esse ponto de vista ou até mesmo reverter essa ideia. Se impor na sala de aula como se fosse detentor de todo conhecimento ou o “dono da razão” não é nem de longe o melhor caminho (ESPIRÍTO SANTO, 2013).

O docente que age desta forma imperativa, sem qualquer diálogo ou sem ouvir justificativas está sendo forte influenciador para fazer o aluno perder o interesse pela aula. É de conhecimento geral que há professores de grande postura imperativa que mostra a todo momento para o aluno que ele é quem manda na sala de aula, deixando assim o discente acuado e privado de aprender sobre um assunto por causa de uma conversa em sala de aula ou alguns minutos de atraso (ALMEIDA, 2015).

O aluno deve participar das aulas sabendo que o professor ali não é detentor do conhecimento e que sua presença é uma forma de incentivo para que os discentes desenvolvam ou despertem o interesse pelos conteúdos. Entretanto, no ensino superior a cobrança por conhecimento de assuntos específicos é constante. O discente é “obrigado” a desenvolver hábitos maiores de leitura e outros compromissos com a educação. A didática aplicada na educação básica tem uma diferença enorme para o ensino superior, dificultando esse desempenho de alunos que não tiveram uma educação básica de qualidade. Em razão disso, pode-se dizer que os alunos que chegam ao ensino superior, muitas vezes vindos de escolas públicas, tem dificuldades de acompanhar os métodos de ensino do professor, que tem ainda muito do tradicionalismo em sua didática aplicada em sala de aula (ALMEIDA, 2015; ESPIRÍTO SANTO, 2013).

A didática aplicada no ensino superior apresenta diversos desafios, principalmente quando se considera a pouca qualificação dos docentes nas questões pedagógicas. O docente universitário tem à sua frente grandes oportunidades para buscar qualificar-se enquanto professor reflexivo, que na visão de Perrenoud (2001), é a chave da profissionalização do ofício.

MÉTODOS DE ENSINO E O PAPEL DO PROFESSOR.

Entender como ocorre o processo de aprendizagem é fundamental para obter êxito nas estratégias de transposição didática. Apesar do conceito de aprendizagem ser um dos mais difusos e controversos, pois através do tempo tem recebido influências de diferentes doutrinas psicológicas e filosóficas, pode-se buscar os indícios para sua fundamentação através das proposições de Mizukami (1986), mesmo considerando o risco de simplificar demais o conceito. A autora ainda apresenta cinco abordagens distintas para explicar o processo de aprendizagem e suas consequentes proposições didáticas: tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural (REBOLLO, 1994; MIZUKAMI, 1986).

Ainda é muito comum hoje em dia os professores universitários utilizarem o método tradicional para dar aula, mesmo envolvendo um pouco de inovação ao utilizar equipamentos tecnológicos. O método tradicional de ensino surgiu no século XVIII, a partir do Iluminismo e tinha como objetivo principal expandir o acesso ao conhecimento. Na abordagem tradicional o discente apenas executa ações instruídas pelo professor, sendo a inteligência nesse caso concebida pelo acúmulo de informações (MIZUKAMI, 1986). Paulo Freire (2007) diz que o método tradicionalista é como educação bancária, ou seja, o educador deposita progressivamente as informações na cabeça de seus alunos, como se fossem uma conta corrente em um banco e, supostamente, depositários de todo o conhecimento a que são expostos.

As instituições que utilizam métodos tradicionais de ensino acreditam que a formação de um aluno que possui certa criatividade e um pensamento crítico depende apenas da quantidade de informações adquiridas ao logo do tempo e de conhecimentos consolidados. Ainda têm o professor como transmissor e detentor de conhecimento, mantendo uma certa distância do discente, deixando-o como um ser passivo em sala de aula. O método avaliativo neste modelo consiste em provas periódicas que medem a capacidade individual dos alunos, onde a quantidade

prevalece sobre a qualidade. O objetivo dos métodos tradicionais de ensino é somente a transmissão de conteúdos definidos, levando em consideração a quantidade de conceitos e informações e deixando de lado a formação do pensamento reflexivo (MIZUKAMI, 1986).

A abordagem comportamentalista ou behaviorista tem a aprendizagem como fruto da experiência, onde ela é uma resposta aos estímulos do professor, que modela ou reforça certo comportamento desejado. A teoria comportamentalista, que segundo Sezanowith (2008) tem o seu ápice no século XX, entre as décadas de 20 e 50, visualiza a mente humana como uma caixa preta, onde as respostas aos estímulos são medidas de acordo com a quantidade, ignorando a possibilidade de um processo. Além disso, a teoria propõe que os comportamentos humanos são determinados pelas condições do meio, onde o aluno é um ser passivo que reage aos estímulos (ESPIRÍTO SANTO, 2008).

No que diz respeito a prática didática, a abordagem comportamentalista implica que o docente seja o responsável pela instrução programada visto que parte do princípio que o ser humano, como produto do meio, pode ser manipulado ou controlado e o papel do professor é manter este controle, independente da interação do aluno (GIL, 2008).

A abordagem humanista é retratada por Mizukami (1986) de maneira a posicionar o ser humano em busca da autorrealização, sem modelos ou regras a serem seguidos. O professor é como um criador de condições para o aprendizado do aluno, dando autonomia ao educando, de forma que dele mesmo venha a vontade de aprender. O método avaliativo nesta abordagem é realizado pelo próprio aluno, onde o mesmo será capaz de “medir” seu aprendizado.

O cognitivismo é outra abordagem que busca explicar a aprendizagem, fundamentado nas teorias da reestruturação que concebem a aprendizagem como uma mudança, implica que aquele que aprende tenha consciência de seus próprios saberes, sendo capaz de refletir sobre eles dando-lhes novos significados a partir dos conceitos atuais. A autora apresenta também a abordagem cognitivista como um processo de construção ininterrupta, ou seja, por meio do aprendizado novas composições vão sendo formadas no sujeito. Em razão desse fator, o educador tem o papel de ser o provocador de situações as quais os alunos não estejam habituados, isto é, deve tirá-los da zona de conforto. Desse modo, o aluno vai utilizar seu aprendizado para adquirir novos conhecimentos a partir de uma experiência diferente, formando novas estruturas (MIZUKAMI, 1986).

Além disso, mais uma abordagem interacionista que busca explicar a aprendizagem é o enfoque sociocultural. Nesta abordagem, o foco é no próprio aluno, que é autor e criador do seu próprio conhecimento. O sujeito é capaz de refletir sobre o seu contexto e evoluir em busca de uma consciência mais crítica. Assim, as ações educativas devem promover o ser humano e não tentar ajustar à uma ordem social existente. O principal representante desta corrente é o brasileiro Paulo Freire, que defende a educação problematizadora como ferramenta para a superação da relação opressor e oprimido (FREIRE, 2007).

O enfoque sociocultural da aprendizagem sugere uma abordagem didática de ensino fundamentado no diálogo como instrumento que estimula o crescimento do educando e do educador. Dessa forma, no enfoque sociocultural a aprendizagem não ocorre pela transmissão de conteúdos programados, mas pela transformação e questionamento contínuo da realidade (GIL, 2008).

Fazendo uma reflexão sobre as diferentes abordagens que procuram explicar como se dá o processo de aprendizagem, notamos quantos equívocos os professores universitários cometem. É notório que grande parte destes docentes aprendeu o seu ofício na prática do dia-a-dia, com poucas oportunidades de cursos, reuniões ou seminários que pudessem esclarecer o que é didática. Isso resulta em uma visão antiquada sobre o processo de ensino e aprendizagem,

perpetuando, dessa forma, o método tradicional com aulas expositivas que se tornam cansativas e pouco atrativas aos alunos. No entanto, é importante ressaltar que muitos docentes de ensino superior estão se adaptando às inovações pedagógicas e às novas concepções de aprendizagem (FIORE, 2007).

Muito se defende, atualmente, a necessidade de formar mais professores que reflitam sobre sua prática, com o intuito de modificá-la, melhorando não só em benefício do docente, mas dos alunos também. Refletir significa pensar excessivamente, meditar sobre algo. O professor reflexivo é aquele que medita, pensa o seu fazer pedagógico e seus conceitos didáticos. Segundo Alarcão (2005, p. 176):

Os professores desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico [...] e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. Desta forma, têm um papel ativo na educação e não um papel meramente técnico que se reduza à execução de normas e receitas ou à aplicação de teorias exteriores à sua própria comunidade profissional.

Assim, o docente como profissional reflexivo não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de adequar as teorias utilizadas em sala de aula com a realidade e a necessidade dos educandos, e não se basear em teorias que nada tem a ver com os aprendizes.

Alarcão (2005) descreve o professor reflexivo como um profissional que necessita saber quem é e as razões pelas quais atua, conscientizando-se do lugar que ocupa na sociedade. A autora acrescenta ainda que “[...] os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos” (ALARCÃO, 2005, p. 177). Conforme Candau (2000, p.89):

[...] o educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na mediação teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de sua prática. Os âmbitos do conhecimento que lhe servem de base não deverão ser facetadas, estanques e isoladas de tratamento do seu objeto de ação: a educação. Mas serão, sim, formas de ver e compreender globalmente, na totalidade, o seu objeto de ação.

É fundamental para a construção do conhecimento e para a problematização de hipóteses que o professor repense sua prática pedagógica. O professor reflexivo vai além do ambiente universitário, ele pesquisa, inova e transforma. Aplicar diferentes métodos, inovadores, na didática do ensino superior, vai desenvolver nos discentes uma capacidade crítica e reflexiva de conteúdos já assimilados.

Além das metodologias de ensino podemos citar as técnicas e estratégias de educação, termos também utilizados para descrever o processo da aprendizagem. Segundo Fernandes (2002, p. 13), “[...] as estratégias são as opções, os meios disponíveis. As técnicas, as maneiras específicas para a execução da estratégia escolhida”. Com base nesse significado, o autor apresenta simulações baseadas nas técnicas e estratégias educacionais, descrevendo características e ações para os dois processos.

Uma ação que pode ser seguida pelo docente é a dinâmica de grupo. Denominada uma técnica “sensibilizadora e vivencial”, a dinâmica de grupo faz com que os alunos tenham contato com a realidade de diferentes indivíduos, possibilitando reflexões e conhecimentos sobre o próprio e os demais colegas. Para isso, Fernandes (2002) ainda explica com um roteiro descritivo como essa prática deve funcionar: inicia-se com a apresentação da dinâmica, ao explicar quais serão os métodos abordados, assim como os temas, acompanhando as fases do desenvolvimento do grupo, ao buscar a participação dos integrantes por meio de depoimentos e finalizando com uma reflexão a respeito do exercício.

Conhecido como uma prática estimuladora, espontânea e divertida que produz sensações de expectativa, liberdade e prazer aos sujeitos que participam, desde crianças até adultos, o jogo é considerado outra estratégia. Apesar de se apresentar em contexto infantil, essa estratégia pode ser contextualizada em ambiente universitário. Ao decidir tomar essa estratégia como ponto de partida para o desenvolvimento educacional, o docente apresenta o jogo e, em seguida, as regras que são cruciais para a condução da atividade e do próprio comportamento dos indivíduos. Fernandes (2002) também apresenta a brincadeira como estratégia de ensino. Parecida com o jogo, mas sem necessariamente ser competitiva, deve promover a coletividade, a criatividade, a liberdade e a espontaneidade. E, assim como aplicado nas outras técnicas, é necessário concluí-la com base em reflexões sobre o que foi realizado, por meio de depoimentos e relatos (FERNANDES, 2002).

Outra prática apresentada pelo autor é o estudo de caso. Fernandes (2002, p. 16) denomina o estudo de caso como a “[...] apresentação de fatos ou sínteses narrativas de situações reais ou imaginárias, com o objetivo de análise ou reflexão”. É uma prática que pode ser trabalhada em grupo ou individualmente: o caso a ser apresentado é estudado e, em seguida, alternativas como análises, soluções e opiniões são expostas como instrumentos de reflexão. Dessa maneira, é necessário analisar diversas situações em um acontecimento, antes de tomar conclusões precipitadas ou adquirir julgamentos prévios. O estudo de caso pode ser ainda utilizado junto à dinâmica de grupo (FERNANDES, 2002).

Talvez uma das estratégias mais importantes expostas por Fernandes (2002) é a discussão. Berbel (1990) apresenta, após pesquisa realizada com professores do ensino superior no Brasil, como uma das técnicas de ensino mais utilizadas em sala de aula. Fernandes (2002) apresenta, ainda, a discussão como elemento de expressão pessoal e libertário, e afirma que, se bem articulada, ela pode se tornar interessante para todos os sujeitos envolvidos, agregando conhecimento sobre o tema abordado. Além disso, apresenta três vertentes a respeito: discussão com a classe toda – requer a capacidade do educador em ministrar o debate, estimulando a participação dos indivíduos que, por muitas vezes, possuem barreiras como desinteresse, preguiça, timidez; e discussão em pequenos grupos (fracionamento) – sugerindo a composição de grupos com as pessoas próximas umas das outras – e discussão em pequenos grupos (painel integrado) – dividido em três momentos: primeiramente, os grupos são divididos com o mesmo número de integrantes e a eles é atribuído certo tema sobre o qual deverão levantar hipóteses e questões a serem debatidas em um prazo previamente determinado (BERBEL, 1990; FERNANDES, 2002).

Essas estratégias e técnicas apresentadas podem ser empregadas como instrumentos para resolver e complementar ações pedagógicas em sala de aula. Entretanto, a opção pelo desenvolvimento de uma delas especificamente, por exemplo, cabe à percepção do professor diante da sala de aula e ao relacionamento dele com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto anteriormente, é visível que a didática, a construção do conhecimento e o docente em sala de aula, aliados, auxiliam e contribuem de muitas formas para a formação do saber dos discentes.

Sem uma boa didática, a construção do conhecimento pode não ocorrer da melhor forma para o aluno, portanto, pode-se dizer que elas possuem uma relação mútua de apoio para um bom funcionamento. Desta forma, é de suma importância que os professores estejam em constante aprimoramento de suas habilidades de ensino. Cabe às universidades e faculdades incentivarem a formação continuada desses professores, para que possam ter uma didática motivadora para o aprendizado de seus alunos.

Em pleno século XXI, o professor não pode mais estar dentro de uma sala de aula como figura detentora de todo conhecimento. É necessário que se desprenda do método tradicional de ensino, ainda muito utilizado nas universidades, mas que não traz benefícios. Em razão disso, é importante o professor conhecer suas turmas, a fim de implementar o melhor método de acordo com seus alunos, prezando por um ensino individualizado, pois algumas pessoas possuem mais dificuldades que outras em questão de aprendizado.

A didática tem plena ligação com o processo de ensino aprendizagem, portanto, a relação entre aluno e professor deve ser estabelecida da melhor maneira possível, para que tenha um efeito esperado na troca de ideias que favoreçam o desenvolvimento intelectual de ambos. Aliar estratégias de ensino com um método que englobe os alunos e os deixem em um papel ativo em sala de aula é uma ótima oportunidade para o docente prender a atenção da turma e auxiliá-los a adquirir e desenvolver seu conhecimento.

Ainda há muito a ser estudado, abordado e avaliado na relação entre didática e construção do conhecimento, visto que a área da educação está em constante evolução e mudança, fazendo com que os pesquisadores e estudiosos tenham que atualizar seus estudos a todo momento. Dessa forma, é importante seguir com novas pesquisas a fim de obter outros resultados com diferentes tipos de métodos e técnicas de ensino aplicados às salas de aula.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

ALMEIDA, Hélio Manguiera de. A didática no ensino superior: práticas e desafios. **Revista Estação Científica**, v. 14, p. 1-8, 2015.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. **Semina: Ci. Soc./ Hum.**, Londrina, v. 16, n. 2, ed. especial, p. 9-19, out. 1990.

CANAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CANAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COMÊNIO, J. A. **Didáctica Magna: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1966.

CONSTRUÇÃO. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/construcao/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

- DIDÁTICA. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/didatica/>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- ESPÍRITO SANTO, Eniel do; LUZ, Luiz Carlos Sacramento da. Didática no ensino superior: perspectivas e desafios. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, n. 8, ago. 2013.
- ESPÍRITO SANTO, Eniel do. **Educación Lúdica: Matrices para una Mirada Lúdica en el Proceso de Aprendizaje en la Educación Superior**. 2008. Tese (Doctorado). (Doctorado en Educación). Facultad de Ciencias de la Educación. Universidad de La Empresa. Montevideo, Uruguay, 2008.
- FERNANDES, Fernando. **O prazer de ensinar e aprender**. Métodos, técnicas e recursos de ensino. Coordenação Nacional de Educação Cristã – CONEC; Igreja Metodista, 2002. (Série Recriar).
- FIORE FERRARI, Eduardo; LEYMONIÉ SÁEN, Julia. **Didáctica práctica para enseñanza media y superior**. Montevideo: Magro, 2007.
- FOSSILE, Dieysa K. Construtivismo versus sociointeracionismo: uma introdução às teorias cognitivas. **Revista Alpha**, Patos de Minas, UNIPAM, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. **O essencial da Didática e o trabalho do professor: em busca de novos caminhos**. Goiânia, [S.n.], 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. [S.l.; S.n.]. 2002.
- MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re) visão radical. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v.14, n.1, p.98-110, 2000.
- MIZUKAMI, Maria da Graça N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2006.
- NUNES, Therezinha. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educ. Revista**, Belo Horizonte, 1990.
- PERISSÉ, Gabriel. **A arte de ensinar**. São Paulo: Francisco Luna, 2004.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- REBOLLO, Maria Antonieta; Scaffo, Sonia. **El aprendizaje**. Montevideo: Prensa Médica Latinoamérica, 1994.
- SEZANOWITH, Robinson Luiz. **Os enfoques intermediários – construtivismo**. Manual de Metodologias para EAD - Unisul/OUI. Florianópolis, [s.n.], 2008.
- TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação**. 18. ed. rev. e atual. São Paulo: Integrare, 2006.
- WERNECK, Vera Rudge. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p.173-196, 2006.